



GT 12. Antropologia das Relações Humano-Animal

Coordenador(es):

Andréa Barbosa Osório Sarandy (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Flávio Leonel Abreu da Silveira (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Sessão 1 - Pragas, peçonhas e animais hostis

Debatedor/a: Ana Paula Perrota Franco (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Conservação, tempo e espaço nas relações humano-animais

Debatedor/a: Jean Segata (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3 - Predação, proteção e trabalho animal

Debatedor/a: Felipe Ferreira Vander Velden (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos)

O campo das relações humano-animal, ou Animal Studies, teria emergido na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX. Na verdade, os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. Algumas análises identificaram dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, em busca do animal “real”; e outro semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações. Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas relações entre natureza e cultura. O presente Grupo de Trabalho pretende ser um espaço para reflexões teóricas e pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não humanos, a partir de um viés antropológico. Serão aceitos trabalhos tanto sobre as percepções simbólicas quanto sobre relações concretas materiais entre ambos. Entre eles, destacam-se produções voltadas aos animais de estimação, de abate, de tração, animais da fauna silvestre brasileira ou estrangeira, caça, criações, rinhas, concursos, turismo, animais de laboratório; em meio urbano, rural ou entre populações ameríndias e mesmo fora do continente americano; relações cotidianas, científicas, religiosas, alimentares, ideológicas, morais, artísticas, legislação, políticas públicas, saúde, entre outras possibilidades.

Ruas hostis: das vidas e mortes de animais e humanos indesejados nas cidades

Autoria: Sarah Faria Moreno (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

A proposta deste artigo inicia-se a partir de uma constatação, já ao término de meu mestrado, em que diversos sujeitos tão distintos entre si acabam por se encontrarem nas ruas como marginalizados, ou mesmo espetacularizados. Tratam-se, sobretudo, de humanos e pombos? Uma vez que minha pesquisa tratou de abordar as diversas relações entre estes. O que me instigou foi a reflexão acerca de como os espaços urbanos são projetados de uma forma que promove a exclusão de determinados sujeitos e, mesmo assim, estes acabam por resistir e se adaptar nestes espaços. Minha pesquisa de mestrado foi situada na cidade de Santos? SP e, já na reta final de escrita da dissertação me deparei com a “descoberta”, em meus materiais etnográficos, do “homem dos pombos”, o senhor José. Já havia registrado em meu diário de campo uma situação em que o senhor José havia sido mencionado para mim como um habitante das ruas de Santos e seu hábito em alimentar os pombos. Todavia, o que não imaginava era que, ao visitar meu acervo de notícias pesquisadas na Hemeroteca da cidade, encontraria ali uma série de notícias com menção ao senhor José e suas respectivas fotografias alimentando os pombos. Este caso me chamou muita atenção, principalmente pelo momento em que escrevia minha dissertação: as eleições de 2018. O cenário, claro, era preocupante, e



a palavra do momento era: resistência. E me perguntava: como estes sujeitos tão indesejados por parte da população citadina continuam resistindo? Ao me recusar em pensar nos pombos sob uma perspectiva apenas biológica, podia entender que alguns pombos, ratos e humanos parecem ter muito mais em comum do que seus ?outros amados? de ?mesma espécie?: indesejados, marginais, sujos, invisíveis e, por fim, às vezes, espetacularizados. Não é possível equiparar os pombos das ruas com os pombos-correios, ou os ratos do subsolo com os ratos de laboratório ou de estimação, ou os humanos nas ruas com os humanos burgueses que vivem em casas confortáveis. Nesse sentido, o que proponho neste artigo é fazer uma reflexão acerca do espaço urbano, como este é projetado na prática e como estes sujeitos, humanos e não humanos, se adaptam a ele ? e resistem nele ?, bem como de que forma eles acabam por se assemelhar, seja em sua resistência ou em seus corpos à margem que causa repulsa, o que dialoga, ainda, com toda a questão de monstruosidade que pesquisei durante a graduação. Tais temas são bastante correlatos e é isso que pretenderei mostrar ao longo do artigo, a tensão entre os sujeitos ditos monstruosos, indesejados, marginalizados (e outras categorias a eles atribuídas), com seus pares ditos ?normais?, isto é, toda negação às primeiras categorias; e como esta tensão se expande para os espaços por eles compartilhados, em especial o urbano e as ruas.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: